



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

DÉBORA MAYSA DOS SANTOS SILVA

RELATÓRIO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO VIDEO
DOCUMENTÁRIO: “A PROFISSÃO QUE NÃO PARA: PROFISSIONAIS DA
COMUNICAÇÃO EM MEIO À PANDEMIA DO COVID-19”

Maceió
2024

DÉBORA MAYSA DOS SANTOS SILVA

**RELATÓRIO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO
VIDEO DOCUMENTÁRIO: “A PROFISSÃO QUE NÃO PARA:
PROFISSIONAIS DA COMUNICAÇÃO EM MEIO À PANDEMIA DO
COVID-19”**

Relatório de Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Jornalismo da Universidade
Federal de Alagoas como requisito para obtenção
do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Raquel do Monte

Maceió

2024

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S586r Silva, Débora Maysa dos Santos.

Relatório de trabalho de conclusão de curso do video documentário : “a profissão que não para : profissionais da comunicação em meio à pandemia do COVID-19” / Débora Maysa dos Santos Silva. – 2024.
49 f. : il.

Orientadora: Raquel do Monte.

Relatório (Trabalho de conclusão de Curso em Jornalismo) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 45-48.

Apêndices: f. 49.

1. COVID-19. 2. Comunicação. 3. Video-Documentário.

CDU: 070:578.834

Para os meus pais, irmãs, meu esposo e minhas avós, pelo amor e apoio incondicional que me ajudaram a chegar até aqui. Para meu filho, que se encontra em meus braços no momento e foi a minha força mesmo quando ainda estava em meu ventre. E a Deus, por ser a luz que me norteou sempre que a escuridão parecia densa demais.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por todas as vezes que me concedeu sabedoria e força para realizar cada tarefa, por nunca me abandonar e sempre me socorrer nos momentos de aflição, por ter me dado força física e mental para chegar até aqui.

Agradeço a mim por não ter desistido mesmo diante dos obstáculos. Agradeço aos meus pais e avós pela paciência e educação que me deram. As minhas irmãs por me completarem e me permitir ser o espelho delas. Ao meu esposo, amor da minha vida, por todo apoio e paciência comigo. De modo geral, a minha família: vocês foram combustível para que eu pudesse alcançar a linha de chegada.

Agradeço também as minhas amigas: Erika, Roberta, Flávia e Geovana, que me ajudaram e dividiram comigo risos e lágrimas dentro e fora da universidade, fazendo dos anos universitários mais leves, a minha orientadora por toda paciência para que eu pudesse finalizar o processo e a todos os professores do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas, que me formaram a profissional que me tornei.

RESUMO

A resposta global à pandemia incluiu esforços sem precedentes em todo o mundo. Assim, o objetivo geral foi conhecer, por meio de um vídeo documentário, as vivências e dificuldades dos profissionais da comunicação do estado de Alagoas que estavam na linha de frente da cobertura do combate à pandemia de COVID-19. Entre os objetivos específicos estão: realizar entrevistas semiestruturadas com profissionais de diversos setores da área de comunicação do estado; identificar as maiores dificuldades em exercer suas funções em meio à pandemia; avaliar, por meio de pesquisas e levantamento de informações junto ao Sindicato dos Jornalistas de Alagoas, o impacto da exposição ao vírus, como infecções e mortes, entre jornalistas e comunicadores; e exibir essas informações por meio de um vídeo documentário. A metodologia envolveu um estudo de campo com a produção de um documentário a partir das entrevistas realizadas com seis profissionais, com duração de 20 minutos. Os resultados destacam dados obtidos nas etapas de produção do documentário. Para tanto, foi utilizada a nomenclatura descrita por Sérgio Puccini (2009) em seu livro Roteiro de Documentário: Da Pré-Produção à Pós-Produção. A presente seção é dedicada às fases de pré-produção e filmagem. Por fim, a realização deste estudo revelou-se crucial para uma compreensão aprofundada do tema em questão, e o documentário oferece uma visão abrangente e profunda sobre a crise global desencadeada pelo coronavírus SARS-CoV-2. A produção destaca a origem do vírus, seu rápido espalhamento e o impacto devastador na saúde pública e na economia mundial.

Palavras-chave: Covid-19; Comunicação; Video-Documentário

ABSTRACT

The global response to the pandemic has included unprecedented efforts worldwide. Thus, the overall objective was to learn, through a documentary video, about the experiences and difficulties of communication professionals in the state of Alagoas who were on the front lines of covering the fight against the COVID-19 pandemic. The specific objectives include: conducting semi-structured interviews with professionals from various sectors of the state's communication area; identifying the greatest difficulties in carrying out their duties amid the pandemic; evaluating, through research and information gathering with the Journalists' Union of Alagoas, the impact of exposure to the virus, such as infections and deaths, among journalists and communicators; and presenting this information through a documentary video. The methodology involves a field study with the production of a documentary based on interviews conducted with six professionals, lasting 20 minutes. The results highlight data obtained in the production stages of the documentary. To this end, the nomenclature described by Sérgio Puccini (2009) in his book *Documentary Script: From Pre-Production to Post-Production* was used. This section is dedicated to the pre-production and filming phases. Ultimately, the completion of this study proved crucial to an in-depth understanding of the topic in question, and the documentary offers a comprehensive and in-depth look at the global crisis triggered by the SARS-CoV-2 coronavirus. The production stands out for the origin of the virus, its rapid spread, and the devastating impact on public health and the global economy.

Keywords: Covid-19; Communication; Video-Documentary.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 APLICAÇÃO DA LEI 13.979/20 NO COMBATE A PANDEMIA.....	11
2.1. DIREITO À SAÚDE.....	11
2.1.1. <i>Enfrentamento da COVID/19 na saúde pública.....</i>	<i>13</i>
2.1.2. <i>Isolamento e quarentena em tempos de pandemia.....</i>	<i>16</i>
2.2 O JORNALISMO E A INFORMAÇÃO.....	18
2.3 O FENÔMENO “FAKE NEWS”.....	21
2.4 A PANDEMIA E SUAS REAÇÕES.....	22
2.5 ROTINA DE TRABALHO.....	25
3 METODOLOGIA.....	28
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	30
4.1 PRÉ PRODUÇÃO.....	30
4.2 ETAPA DA PRODUÇÃO.....	31
4.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	33
4.4 IMPACTO DA PANDEMIA PARA OS JORNALISTAS.....	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	45
APÊNDICE 1.....	49

1 INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19, causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2, emergiu em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, na China, e rapidamente se espalhou pelo mundo, resultando numa crise global de saúde. Esta pandemia afetou milhões de pessoas, resultando em inúmeras mortes e sobrecarregando sistemas de saúde em diversos países. Além do impacto direto na saúde, a pandemia trouxe consequências econômicas e sociais significativas, incluindo a interrupção de atividades comerciais, aumento do desemprego e mudanças drásticas nos estilos de vida, como o distanciamento social e o uso de máscaras (Rodrigues et al., 2020).

A resposta global à pandemia incluiu esforços sem precedentes em pesquisa e desenvolvimento de vacinas, bem como a implementação de medidas de saúde pública para conter a disseminação do vírus. A colaboração internacional foi crucial para a rápida disponibilização de vacinas eficazes, que começaram a ser distribuídas em larga escala no final de 2020. Apesar dos desafios, a pandemia também destacou a resiliência e a solidariedade das comunidades, com inúmeros exemplos de apoio mútuo e inovação em tempos de crise (Ribeiro et al., 2020). No entanto, a recuperação total exigirá tempo e esforços contínuos para enfrentar as desigualdades exacerbadas pela pandemia e fortalecer os sistemas de saúde para futuras emergências.

Ao longo da história da humanidade, as endemias e pandemias mataram milhões de pessoas. Surto de peste negra, varíola, gripe espanhola e gripe suína são alguns exemplos de problemas já enfrentados mundialmente. Em dezembro de 2019, o primeiro registro de um novo vírus denominado “COVID-19” foi confirmado na cidade de Wuhan, na China. O vírus ultrapassou os limites geográficos em poucos meses, e em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou estado de pandemia mundial. Logo após, em 12 de março, o primeiro caso de morte pela doença foi confirmado no Brasil.

O número de mortes e o monitoramento da situação de uma tragédia mundial ganharam ainda mais relevância nas coberturas midiáticas, presentes na mídia tradicional (jornais, TV, rádios) e também nas novas mídias (podcasts, redes sociais, sites). Na situação de uma pandemia, que tem como consequência o isolamento social, a rotina e as novas formas de se relacionar se intensificaram como assuntos diários nos meios midiáticos. Os perigos e a falta de informação tornaram-se assustadores (Camponez et al., 2020).

Medidas tiveram que ser tomadas por todos os governantes, que têm a obrigação de zelar pela saúde da população. Diante disso, o governo federal no Brasil, através de um decreto, definiu

as atividades e profissões essenciais durante esta pandemia. Algumas atividades não consideradas essenciais tiveram que encontrar novas formas de exercer seu trabalho, seguindo as recomendações dos órgãos mundiais de saúde.

Em meio ao combate à pandemia do coronavírus, fadadas a ficar em casa em quarentena, as pessoas se renderam à necessidade de se informar. As análises e opiniões ganharam uma força propulsora, em que programações inteiras da imprensa foram centradas no vírus e no contexto proporcionado por ele. Aos que tentavam se refugiar na internet, as seções de “mais lidas” dos blogs e sites eram de pura notícia sobre a doença também (Suing et al., 2020).

No entanto, a disseminação de fake news tornou-se um problema crítico, exacerbando a crise de saúde global. Informações falsas e teorias da conspiração sobre a origem do vírus, tratamentos não comprovados e a eficácia das vacinas circularam amplamente nas redes sociais, confundindo o público e dificultando os esforços de controle da pandemia. Essa desinformação não só alimentou o medo e a desconfiança, mas também levou à adoção de comportamentos de risco, como a recusa em seguir medidas de saúde pública e a hesitação vacinal. Combater as fake news tornou-se essencial, com autoridades de saúde, cientistas e plataformas digitais trabalhando para promover informações precisas e confiáveis, além de educar o público sobre a importância de verificar fontes e confiar em especialistas (Matos, 2020).

Em um tempo de distanciamento social, os meios de comunicação operaram novas formas de ser e estar no mundo. O isolamento social causou não só um distanciamento entre as pessoas, mas também entre elas e os espaços públicos das cidades onde moram. Desse modo, as notícias conectaram a mídia às pessoas e estas umas às outras, numa rede de experiências permeada por sentidos e imagens que atravessam o Jornalismo. A importância do Jornalismo foi reforçada diretamente no esclarecimento à população quanto à pandemia, seja atualizando sobre a doença ou desfazendo as fake news (Matos, 2020).

No ano de 2020, enquanto a expressão #fiqueemcasa foi difundida à exaustão, os profissionais da área de comunicação estavam nas redações ou saíam às ruas em busca de fatos que pudessem ser transformados em notícias. Em meio a uma pandemia, ficavam permanentemente expostos aos riscos de contágio do vírus para que a informação fosse levada a todas as pessoas. Como um todo, os profissionais de comunicação tiveram que se adaptar, sofrendo diversas mudanças na rotina para que o trabalho de informar continuasse. Além disso, a pandemia ocasionou uma sobrecarga mental enfrentada pela pressão de conseguir ser o emissor das notícias diante das

mídias e despertou a preocupação de perder o emprego, devido às novas mudanças e quadros reduzidos que as empresas adotaram (Suing et al., 2020).

Os acontecimentos decorrentes da pandemia da COVID-19 criaram, efetivamente, um momento de grande mobilização dos meios de comunicação e do Jornalismo, que redobramos esforços para a seleção, tratamento e divulgação de dados e notícias relevantes para o esclarecimento dos cidadãos, ao mesmo tempo que desencadearam uma reaproximação com seus públicos (Camponéz et al., 2020). Nesse sentido, a proposta é trazer os sentimentos e experiências desses profissionais na condição exercida e reafirmar a importância do Jornalismo no período, para que em um futuro próximo, estudantes e/ou pesquisadores possam, através desse registro, entender o que foi vivenciado.

A escolha pelo tema abordado neste trabalho deu-se devido à necessidade de refletir sobre a profissão dos comunicadores durante a pandemia no estado de Alagoas. Como estudante da área, questionei-me se os profissionais obtinham o devido reconhecimento pelos trabalhos realizados, enfrentando a impugnação da sociedade em receber as informações e o desafio da exposição ao vírus quando as medidas para toda a sociedade eram de isolamento social.

Nesse contexto, o objetivo geral buscou conhecer, por meio de um vídeo documentário, as vivências e dificuldades dos profissionais da comunicação do estado de Alagoas que estavam na linha de frente da cobertura do combate à pandemia de COVID-19. Esse objetivo foi alcançado pelos objetivos específicos de: realizar entrevistas semiestruturadas com profissionais de diversos setores da área de comunicação do estado; identificar as maiores dificuldades em exercer suas funções em meio à pandemia; avaliar, por meio de pesquisas e levantamento de informações junto ao Sindicato dos Jornalistas de Alagoas, as infecções, mortes e impactos de saúde provocados pela exposição ao vírus entre jornalistas e comunicadores; e exibir essas informações por meio de um vídeo documentário.

Contudo, mesmo frente à exposição ao coronavírus e ao medo de contrair o vírus — e, mais ainda, de levá-lo para casa e contaminar os familiares —, a comunicação não parou. Isso resultou na contaminação de inúmeros profissionais da área e em perdas, tanto de seus parentes quanto de alguns desses comunicadores. Assim, surgiram as seguintes indagações: como será que esses profissionais se sentiram ao expor suas vidas a um vírus em nome de sua profissão? Apesar de tantos dias negativos, cobrir também a chegada da vacina trouxe alívio e esperança?

Encontrando dificuldades na busca por respostas, decidi obtê-las por meio da produção deste projeto, buscando aproximar e personalizar o tema por meio dos entrevistados, em um vídeo documentário de 20 minutos. O roteiro, previamente produzido, conta com cerca de 7 perguntas abertas, semiestruturadas, possibilitando um diálogo mais complexo com os entrevistados. Primeiramente, entendeu-se o contexto de trabalho em que eles estavam inseridos durante o início da pandemia e onde estavam quando receberam a notícia do estado de emergência no país e no estado. Depois, discorrem sobre a importância do Jornalismo e as situações encontradas na rotina de trabalho durante o período pandêmico. Por fim, foi perguntado se, em algum momento, pensaram em mudar de profissão devido aos riscos encontrados e enfrentados nas situações vivenciadas.

2 APLICAÇÃO DA LEI 13.979/20 NO COMBATE A PANDEMIA

O presente capítulo busca fazer uma análise da Lei 13.979/20. Para tanto, inicia-se com um breve estudo do direito à saúde, uma vez que este foi diretamente afetado pelo momento da pandemia, a qual Brasil e mundo vivenciaram.

Além disso, foi analisado como se deu o enfrentamento da pandemia a partir da Lei 13.979/20, com destaque para o isolamento e a quarentena nos termos da lei, as medidas de prevenção para o combate à pandemia, o processo de licitação e o compartilhamento de informações dos infectados, temas importantes para compreender o funcionamento dessa lei no controle e combate à pandemia de COVID-19.

2.1. DIREITO À SAÚDE

Antes de adentrar no tema da pandemia, é preciso mencionar a Constituição Federal de 1988, que, em seu art. 5º, caput, consagra o direito fundamental à vida ao estabelecer que "todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida".

Silva (2016) explica que o direito fundamental à vida tem fundamento no princípio de que o direito igual à vida de todos os seres humanos corresponde, também, ao fato de que, nos casos de doença, cada pessoa tem o direito a um tratamento digno, com base no estágio atual da medicina, sem que sua situação financeira seja um obstáculo. Esse direito deve ser garantido pelo Estado, caso contrário, a sua disposição no texto constitucional será de pouca serventia.

Dessa forma, o direito à saúde precisa ser compreendido em conjunto com o princípio da dignidade da pessoa humana, previsto na Constituição Federal de 1988 como um dos fundamentos da República Federativa do Brasil (art. 1º, III, CF/88). De acordo com Dantas (2018), a dignidade humana é um princípio fundamental que impõe tanto ao Estado quanto aos particulares o dever de respeitá-la, evitando qualquer ato que prejudique o ser humano, seja no aspecto físico ou psicológico.

É importante destacar que o direito à vida é o mais fundamental de todos os direitos, pois constitui uma condição necessária para a existência e o exercício dos demais direitos presentes no ordenamento jurídico. Para se ter direito a algo, é preciso estar vivo (Moraes, 2017). Sendo assim, é imprescindível assegurar e proteger esse direito, tanto pelo Estado quanto pelos particulares, para que não ocorra a violação de um dos principais direitos estabelecidos na Constituição, essencial para a consecução dos demais.

Nesse sentido, Silva (2016) afirma que o direito à vida corresponde ao direito à existência, ao direito de estar vivo, de lutar pela vida, de resguardar a própria vida e de continuar vivo, não podendo esse direito ser suprimido, exceto pela morte espontânea e inevitável. Isso significa que esse direito só deve cessar por motivos inevitáveis e naturais.

A Constituição Federal garante uma vida digna a todos, sendo o bem-estar e a justiça social os objetivos da ordem social, com a saúde como um dos pilares dessa ordem. O art. 196 da CF/88 estabelece que "a saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos, bem como ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação".

Nesse contexto, Lenza (2019) explica que a saúde é um direito de todos e um dever do Estado, devendo ser assegurada por meio de políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doenças e outros agravos, além de garantir o acesso universal e igualitário às ações e serviços voltados à promoção, proteção e recuperação da saúde.

Dirley da Cunha Júnior (2012) afirma que o direito social à saúde é tão fundamental, por estar diretamente ligado ao direito à vida, que nem precisaria de reconhecimento expresso, mas está disposto no art. 196 da CF/88, constituindo uma exigência indissociável de qualquer Estado que valorize a vida humana, reconhecendo um direito subjetivo público à saúde.

Ademais, é importante lembrar que a saúde deve ser financiada por todos os entes federativos, pois a Carta Magna determina que a seguridade social será financiada por toda a sociedade, de forma direta e indireta, nos termos da lei, mediante recursos provenientes dos orçamentos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios (art. 195, CF/88), reforçando o princípio da solidariedade.

Lenza (2019) esclarece que a doutrina indica a existência de duas vertentes sobre os direitos sociais, especialmente no que se refere à saúde: a primeira, de natureza negativa, impõe que o Estado ou os particulares não pratiquem atos que possam causar danos a terceiros; a segunda, de

natureza positiva, exige que o Estado preste serviços, garantindo assim a implementação dos direitos sociais.

É importante considerar que o direito à saúde inclui também o direito à prevenção de doenças, de modo que o Estado tem a responsabilidade de manter o indivíduo saudável e prevenir que ele adoça (Cunha, 2012). Nesse sentido, o Estado deve adotar medidas e políticas públicas que garantam uma melhor qualidade de vida, assegurando, assim, saúde para todos.

Com base nisso, é possível encontrar na Constituição normas que asseguram recursos públicos para a efetivação desse direito, como a prevista no art. 198, § 2º, que determina que a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios devem aplicar, anualmente, em ações e serviços públicos de saúde, recursos mínimos.

2.1.1. Enfrentamento da COVID/19 na saúde pública

O Brasil foi bastante afetado pela COVID-19, chegando a números alarmantes em diversos estados do país, o que fez com que toda a população ficasse em alerta. Com isso, instituições públicas e privadas iniciaram uma luta para conter o vírus e diminuir os dados, que no início de 2020 aumentavam de forma acelerada.

No começo da pandemia, e ainda no contexto inicial de publicação da lei, foi divulgada uma análise do Instituto Pensi, centro de pesquisa clínica do Hospital Sabará, que apontou que, a partir do momento em que o Brasil tivesse 50 casos confirmados de coronavírus, o aumento seria contínuo, podendo chegar a 4 mil casos em 15 dias e a 30 mil casos em 21 dias. No dia 11 de março, o relatório divulgado pelo Ministério da Saúde confirmou 69 casos no país (Colluci, 2020).

De acordo com os dados disponibilizados no portal do governo (Ministério da Saúde), que apresenta informações sobre a doença, e que também podem ser visualizados em outras plataformas como a do IBGE, em dezembro de 2020 o Brasil possuía mais de 6.600.000 (6 milhões e seiscentos mil) casos acumulados e mais de 176.000 (cento e setenta e seis mil) óbitos acumulados (Brasil, 2020).

Em virtude da pandemia de coronavírus no Brasil, em 6 de fevereiro de 2020 foi editada a Lei 13.979, conhecida como Lei Nacional da Quarentena, que dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do

coronavírus responsável pelo surto de 2019. Dessa forma, a lei foi criada com o objetivo de regulamentar as possíveis medidas a serem adotadas para o combate à COVID-19.

A lei prevê diversas normas nesse sentido, sendo a quarentena e o isolamento algumas delas, com o intuito de evitar a disseminação da doença. Entre as medidas, destacam-se: a determinação da realização compulsória de exames médicos, testes laboratoriais e coleta de amostras clínicas (art. 3º, III); exumação, necropsia, cremação e manejo de cadáver (art. 3º, V); autorização excepcional e temporária para a importação de produtos sujeitos à vigilância sanitária sem registro na Anvisa, desde que registrados por autoridade sanitária estrangeira e previstos em ato do Ministério da Saúde (art. 3º, VIII), entre outras.

Com isso, entende-se que a Lei Nacional da Quarentena surgiu com o objetivo de instituir barreiras que evitassem a propagação em massa dessa pandemia, pois sua disseminação ocorreu de forma rápida e atingiu diversos países do mundo, o que gerou consequências voltadas à segurança social, podendo ocasionar caos e desequilíbrio à saúde pública, especialmente porque a doença é grave e coloca em risco a vida daqueles que a contraem (Abrão, 2020).

O art. 1º da Lei 13.979/20 determina que a lei dispõe sobre as medidas que poderão ser adotadas para o enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019, sendo essas medidas estabelecidas com o objetivo de proteção da coletividade (§ 1º).

Além disso, a lei informa que o ato do Ministro de Estado da Saúde disporá sobre a duração da emergência de saúde pública tratada na lei, e que esse prazo não poderá ser superior ao declarado pela Organização Mundial da Saúde (art. 1º, §§ 2º e 3º, Lei 13.979/20).

Em relação ao prazo, a Portaria nº 356, de 11 de março de 2020, estabeleceu em seu art. 4º, § 2º, que "a medida de quarentena será determinada mediante ato administrativo formal e devidamente motivado e deverá ser editada pelo Secretário de Saúde do Estado, do Município, do Distrito Federal, ou pelo Ministro de Estado da Saúde, ou superiores em cada nível de gestão, publicada no Diário Oficial e amplamente divulgada pelos meios de comunicação".

Sobre a extensão do prazo, o § 3º desse mesmo artigo determina que "a extensão do prazo da quarentena de que trata o § 2º dependerá de prévia avaliação do Centro de Operações de Emergências em Saúde Pública (COE-nCoV), previsto na Portaria nº 188/GM/MS, de 3 de fevereiro de 2020".

Assim, com a Portaria, a quarentena foi estabelecida por um prazo de até 40 dias, que poderia ser estendido pelo tempo necessário, de modo a reduzir a propagação da transmissão comunitária e assegurar a manutenção dos serviços de saúde no país. A prorrogação do prazo dependeria de prévia avaliação do Centro de Operações de Emergências em Saúde Pública (Amado, 2020).

Destaca-se que a Portaria nº 188 declarou emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) em decorrência de Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV). Nessa portaria para a Declaração de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (art. 1º, Portaria 188/20), foram considerados:

1. A Declaração de Emergência em Saúde Pública de Importância Internacional pela Organização Mundial da Saúde em 30 de janeiro de 2020;
2. O fato de que o evento é complexo e demanda esforço conjunto de todo o Sistema Único de Saúde para identificação da etiologia dessas ocorrências e adoção de medidas proporcionais e restritas aos riscos;
3. Que esse evento está sendo observado em outros países do continente americano e que a investigação local demanda uma resposta coordenada das ações de saúde de competência da vigilância e atenção à saúde, entre as três esferas de gestão do SUS;
4. A necessidade de se estabelecer um plano de resposta a esse evento, bem como uma estratégia de acompanhamento aos nacionais e estrangeiros que ingressarem no país e se enquadrarem nas definições de suspeitos e confirmados para Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV);
5. A urgência de empregar medidas de prevenção, controle e contenção de riscos, danos e agravos à saúde pública.

Além disso, a Portaria nº 188/20, no art. 2º, estabeleceu "o Centro de Operações de Emergências em Saúde Pública (COE-nCoV) como mecanismo nacional da gestão coordenada da resposta à emergência no âmbito nacional", sendo que a gestão desse centro estava sob responsabilidade da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS/MS).

2.1.2. Isolamento e quarentena em tempos de pandemia

O art. 2º da Lei 13.979/20 define o que é quarentena e isolamento para a norma em questão, vejamos, art. 2º Para fins do disposto nesta Lei, considera-se:

I - Isolamento: separação de pessoas doentes ou contaminadas, ou de bagagens, meios de transporte, mercadorias ou encomendas postais afetadas, de outros, de maneira a evitar a contaminação ou a propagação do coronavírus; e

II - Quarentena: restrição de atividades ou separação de pessoas suspeitas de contaminação das pessoas que não estejam doentes, ou de bagagens, contêineres, animais, meios de transporte ou mercadorias suspeitos de contaminação, de maneira a evitar a possível contaminação ou a propagação do coronavírus.

Parágrafo único. As definições estabelecidas pelo Artigo 1 do Regulamento Sanitário Internacional, constante do Anexo ao Decreto nº 10.212, de 30 de janeiro de 2020, aplicam-se ao disposto nesta Lei, no que couber.

A partir disso, o isolamento pode ser entendido como o afastamento das pessoas acometidas pelo coronavírus e de objetos despachados que possam propagar o vírus, enquanto a quarentena se refere à contenção de atividades e à separação de pessoas, animais e suspeitos de estarem contaminados pela doença.

Com base no referido artigo, Boselli e Santos (2020) entendem que o isolamento corresponde à separação de pessoas que já estão contaminadas, além de bagagens, meios de transporte e correspondências, de modo a evitar a proliferação do vírus. Já a quarentena representa a separação de pessoas que ainda não estão infectadas pelo vírus, assim como a restrição de suas atividades.

A portaria que dispõe sobre a regulamentação e operacionalização da Lei 13.979/20, Portaria nº 356/20, determina, em seu art. 4º, caput, que "a medida de quarentena tem como objetivo garantir a manutenção dos serviços de saúde em local certo e determinado", sendo adotada pelo prazo de até 40 (quarenta) dias, podendo ser estendida pelo tempo necessário para reduzir a transmissão comunitária e garantir a manutenção dos serviços de saúde no território, como visto anteriormente.

Essa portaria também determinou, em seu art. 4º, caput, que "a medida de isolamento objetiva a separação de pessoas sintomáticas ou assintomáticas, em investigação clínica e laboratorial, de maneira a evitar a propagação da infecção e transmissão local", devendo esta ser determinada por prescrição médica ou por recomendação do agente de vigilância epidemiológica,

por um prazo máximo de 14 (quatorze) dias, podendo ser estendida por igual período, conforme o resultado laboratorial que comprove o risco de transmissão, conforme parágrafo primeiro.

A Portaria Interministerial nº 5, de 17 de março de 2020, revogada em 27 de março pela Portaria Interministerial nº 9, de 27 de março de 2020, tinha como finalidade dispor sobre a compulsoriedade das medidas de enfrentamento da emergência de saúde pública previstas na Lei nº 13.979, de 06 de fevereiro de 2020. Assim, a Portaria Interministerial nº 5/20 estabelecia que o descumprimento das medidas de isolamento e quarentena previstas nos art. 3º, I e II, da Lei nº 13.979/2020, poderia sujeitar os infratores às sanções penais previstas nos art. 268 e art. 330 do Código Penal, se o fato não constituir crime mais grave (arts. 4º e 5º, Portaria nº 5/20).

Dentre as medidas de combate à pandemia, cita-se ainda o art. 3º da Lei 13.979/20, que estabelece medidas que podem ser adotadas para o enfrentamento da pandemia. Assim está disposto: Art. 3º Para o enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional de que trata esta Lei, as autoridades poderão adotar, no âmbito de suas competências, entre outras, as seguintes medidas:

- I - Isolamento;
- II - Quarentena;
- III - Determinação de realização compulsória de:
 - a) Exames médicos;
 - b) Testes laboratoriais;
 - c) Coleta de amostras clínicas;
 - d) Vacinação e outras medidas profiláticas; ou
 - e) Tratamentos médicos específicos;
- III-A – uso obrigatório de máscaras de proteção individual;
- IV - Estudo ou investigação epidemiológica;
- V - Exumação, necropsia, cremação e manejo de cadáver;
- VI – Restrição excepcional e temporária, por rodovias, portos ou aeroportos, de:
 - a) Entrada e saída do País; e
 - b) Locomoção interestadual e intermunicipal;
- VII - Requisição de bens e serviços de pessoas naturais e jurídicas, hipótese em que será garantido o pagamento posterior de indenização justa; e
- VIII – Autorização excepcional e temporária para a importação e distribuição de quaisquer materiais, medicamentos, equipamentos e insumos da área de saúde sujeitos à vigilância sanitária sem registro na Anvisa considerados essenciais para auxiliar no combate à pandemia do coronavírus.

Como se percebe, é uma norma que contém várias medidas que podem ser adotadas pelas autoridades, mas estas não estão limitadas apenas ao rol disposto no referido artigo, pois podem adotar outras medidas. Todas essas medidas poderão ser determinadas pelo Ministério da Saúde, com exceção da autorização excepcional e temporária para a importação e distribuição de quaisquer

materiais, medicamentos, equipamentos e insumos da área de saúde, que deve ser determinada pela ANVISA (inciso VIII).

2.2 O JORNALISMO E A INFORMAÇÃO

A pandemia de COVID-19 colocou o Jornalismo e a informação no centro da resposta global à crise. Os meios de comunicação enfrentaram o desafio de fornecer informações precisas e atualizadas sobre o vírus, medidas de prevenção e avanços científicos, num contexto de incerteza e rápidas mudanças. Jornalistas tiveram que se adaptar rapidamente, verificando fatos e desmentindo boatos, enquanto trabalhavam em condições adversas, muitas vezes em ambientes de alto risco. A importância de fontes confiáveis e a responsabilidade de comunicar com clareza tornaram-se mais evidentes do que nunca, à medida que o público buscava orientação e compreensão sobre a crise em evolução (Lopes et al., 2020).

Além disso, a pandemia destacou a necessidade de um Jornalismo responsável e ético para combater a disseminação de desinformação e fake news. A confiança do público nos meios de comunicação foi testada, exigindo maior transparência e rigor na apuração das notícias. Os jornalistas tiveram que equilibrar a urgência de informar com a necessidade de não gerar pânico, promovendo uma cobertura que fosse, ao mesmo tempo, factual e sensível às implicações humanas da pandemia. Este período reforçou o papel crucial da imprensa livre e independente na manutenção de sociedades informadas e na proteção da saúde pública (Lopes et al., 2020).

Nesse contexto, a comunicação é muito importante para o ser humano de modo geral, pois, através dela, os indivíduos interagem com seus semelhantes e com o meio no qual estão inseridos, não apenas por meio da comunicação verbal, mas também pela não verbal, que vai além da escrita ou do próprio diálogo, como através do toque, do olhar, dos gestos faciais e corporais, do sorriso, do abraço e do saber ouvir e escutar. Esses elementos muitas vezes são mais eficazes do que as palavras. O ato de comunicar é transmitir uma mensagem e, eventualmente, receber outra como resposta. E é por meio da atividade informativa, realizada periodicamente e difundida pelos meios de comunicação de massa, que o Jornalismo se especializa (Charron; Bonville, 2023).

Definir Jornalismo, sendo uma profissão tão complexa, é uma tarefa árdua. Qualquer tentativa parece um comentário simplório ao tentar resgatar a máxima que é o "fazer Jornalístico". Em seu livro, Nelson Traquina diz: “Poder-se-ia dizer que o Jornalismo é um conjunto de 'estórias', 'estórias' de vida, 'estórias' das estrelas, 'estórias' de triunfo e tragédia” (2021, p. 21). O Jornalismo

é, portanto, não apenas uma forma de construir a mediação comunicacional, mas também de gerar sentidos e percepções.

O Jornalismo, independentemente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva: a palavra, acrescida, no caso da televisão, de imagens. (Traquina, 2008, p.8).

Os jornalistas podem ser vistos, de maneira ampla, como intermediários no tráfego social da informação, sendo os profissionais responsáveis por assegurar que ela chegue à sociedade. Trata-se de uma prática social que se distingue das demais pelo compromisso ético peculiar e pela dupla representação social.

O papel da imprensa é o de informar à população o que é de interesse público, ou seja, aquilo que as pessoas devem saber – e não apenas o que elas querem saber. Atualmente, vivemos em uma sociedade em que os cidadãos estão cada vez mais necessitados de ajuda e orientação para tomar decisões, e essa prática tem sido bastante comum nas mídias, pelos principais meios de comunicação, como um suporte à população. Um exemplo disso é quando um telejornal apresenta informações sobre serviços à disposição de seu público (Tito; Ferreira, 2021).

Christofoletti, em sua obra lançada em 2008, *Ética no Jornalismo*, lembra que o jornalista não deve omitir os fatos, pois as pessoas confiam nesses homens e mulheres designados para relatar os acontecimentos à sociedade.

O Jornalismo não combina com ilusão ou mentira. Por princípio, ele é contrário a isso. Desde que passamos a considerar o Jornalismo como uma prática de caráter social voltada para o coletivo, vinculamos as atividades jornalísticas à verdade e à fidelidade dos atos e versões. (...) Voltamos nossos sentidos aos meios de comunicação como se estes funcionassem como extensão de nossos próprios corpos. As lentes das câmeras são os nossos olhos à distância; os microfones e gravadores, nossos ouvidos; tomamos como referências pessoais as impressões olfativas, tácteis e do paladar, captadas pelos repórteres. Enfim, acreditamos nos homens e mulheres que se dedicam a apurar os fatos e traduzi-los à sociedade, e contamos no aparato tecnológico que dá suporte a esta atividade. Consciente ou inconscientemente, firmamos um pacto de confiança com a mídia, porque acreditamos que o Jornalismo é uma forma de narrativa do presente que tem correspondência com o que entendemos por realidade. (Christofoletti, 2008, p.27).

De acordo com Traquina (2005), grande parte da sociedade — não só a atual, mas também a antiga — deseja receber informações sobre o que se passa ao seu redor, e é através do Jornalismo que a população pode saber o que está acontecendo. Muitas vezes, o que é veiculado pelas

emissoras causa visibilidade a alguns assuntos, define pautas e comportamentos na sociedade, além de mobilizar a opinião pública acerca de algum tema abordado em seus programas.

O Jornalismo possui o poder de construir e transformar a realidade por meio da notícia, expondo os acontecimentos e seus personagens como eles são. Partindo disso, a população vê a informação recebida como um ponto de apoio para evidenciar sua realidade e buscar soluções para problemas do dia a dia. Ao longo dos séculos, as pessoas têm desejado ser informadas sobre os acontecimentos do mundo, usando o Jornalismo para se manterem em dia com os fatos considerados relevantes para elas, sobretudo em assuntos negativos. Quanto mais impactante, inesperado e negativo algo é, maiores são as chances de se tornar notícia e ser absorvido pelo público (Tito; Ferreira, 2021).

Apesar dos percalços para ser reconhecido como uma profissão, o Jornalismo historicamente se firmou como uma atividade cujo pilar seria a defesa dos ideais nobres da democracia e da justiça. Segundo a cultura profissional alimentada por essa comunidade, os jornalistas estariam dispostos a se expor a longas jornadas irregulares de trabalho, a sacrificar suas vidas pessoais e até mesmo a correr riscos de vida em nome de suas responsabilidades sociais. “Para esta comunidade de crentes, um objeto de culto é a própria profissão, que exige dedicação total porque o jornalismo não é uma simples ocupação; é mais que um trabalho porque é uma vida” (Traquina, 2008, p.53).

A cada novo conflito, os comunicadores encaram novas e mais evoluídas formas de levar a informação à sociedade, o que leva jornalistas a desafiarem a própria vida em busca da notícia. As coberturas Jornalísticas de guerra, por exemplo, são um dos grandes desafios e realidades que os comunicadores enfrentam em nome da notícia, onde os profissionais escolhem se submeter ao trabalho, apesar da falta de liberdade de imprensa, segurança e dos riscos, em nome da verdade e da informação.

A cada dia, é sobretudo por meio da televisão e do telejornalismo que os brasileiros se informam sobre o que ocorre no país e no mundo, como registra a última Pesquisa Brasileira de Mídia (2016), ainda que outras telas e dispositivos cada vez mais se apresentem como interface. Com o desenvolvimento tecnológico e o surgimento de diversas plataformas de difusão, o Jornalismo pôde ser transmitido de diferentes formas. Tudo começou pelo rádio, passou para a televisão e hoje se desenvolve cada vez mais na internet.

2.3 O FENÔMENO “FAKE NEWS”

Com o decorrer dos anos, a mídia tradicional teve de transformar-se para permanecer presente, relevante e atual. A televisão perdeu terreno para o streaming como meio de comunicação preponderante, e, hoje, as informações chegam até nós simultaneamente em diversos formatos e plataformas. A internet chegou e auxiliou no processo de difusão de informações, mas, por ainda não contar com uma regulamentação tão eficaz e por quebrar todas as barreiras dos meios tradicionais, ela se torna o ambiente perfeito para a sementeira de mentiras, desinformação e boatos. Sendo um grande espaço de divulgação, as informações falsas também repercutem no meio e são muito replicadas (Alves; Maciel, 2020). Essas mentiras levam à desinformação e fazem com que os dados oficiais percam a credibilidade e pareçam até absurdos.

Nunca se ouviu tanto falar nesse termo como se tem ouvido nos dias atuais. Esse fenômeno, que há pouco não era tão conhecido assim, vem sendo utilizado por todos, cada dia mais, em razão do intenso desenvolvimento da tecnologia, o qual vem impulsionando o avanço da informatização.

Nos últimos tempos, reservou-se (e, com isso, popularizou-se) o termo fake news para designar os relatos pretensamente factuais que inventam ou alteram os fatos que narram e que são disseminados, em larga escala, nas mídias sociais, por pessoas interessadas nos efeitos que eles poderiam produzir. A expressão se refere, principalmente, aos relatos inventados ou alterados e difundidos com propósitos políticos (Gomes; Dourado, 2019, p. 35).

Ao eleger a expressão “pós-verdade” (post-truth) como palavra do ano em 2017, o Dicionário Oxford a definiu como “um adjetivo relacionado ou evidenciado por circunstâncias em que fatos objetivos têm menos poder de influência na formação da opinião pública do que apelos a emoções ou crenças pessoais” (Genesini, 2018, p. 47).

O termo, juntamente à expressão fake news, ganhou fama a partir de 2016, após dois fenômenos de grande repercussão na política internacional, quais sejam, o processo de saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit) e a eleição de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos da América, em que as campanhas foram marcadas pela divulgação e direcionamento massivo de conteúdos falsos e sensacionalistas com conteúdo político. Pesquisas mostraram que quase um terço do eleitorado americano acessou alguma “fake news” antes das eleições, o que pode ter influenciado o resultado do pleito.

“O conceito de ‘fake news’ é hoje sinônimo de desinformação, utilizado livremente pelos

veículos noticiosos para indicar rumores e notícias falsas que circulam, principalmente, na mídia social” (Recuero; Soares; Gruzd, 2019, p. 2). As fake news não ignoram a verdade da informação; pelo contrário, servem-se dela para tentar alcançar seu desejo de verdade, para se fazer crer. Muitas vezes, a disseminação dessas notícias pelo indivíduo é realizada sem a necessária checagem da fonte e da sua veracidade, de modo que, com isso, a sociedade se mantém retroalimentada com a desinformação.

Os abusos da liberdade de expressão - materializados na possibilidade de os indivíduos poderem disseminar notícias falsas - compõem-se em um risco ao regime democrático, na medida em que a comunicação social é ameaçada pelos excessos da liberdade de expressão, com a propagação de notícias que mais servem para decrescer a intelectualidade do que ascendê-la.

Em janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que o surto de um novo tipo de coronavírus (SARS-CoV-2) era uma situação de “emergência de Saúde Pública de importância internacional”. Dois meses depois, em março, a OMS declarou que a situação da doença havia se tornado uma pandemia. O alarde social frente à doença, da qual pouco se conhecia, se instaurou rapidamente, gerando um clima de incerteza e exacerbada insegurança por parte da população. Entretanto, além de ter que combater a pandemia, uma outra questão de ordem pública vigorou: a propagação de especulações e de fake news por parte da população.

Combater as notícias falsas e trazer para o mundo o que realmente estava acontecendo tornou-se o ponto principal da profissão dos comunicadores, que tiveram de guardar e ignorar cotidianamente os medos pessoais em situações de exposição ao risco de trabalhar nas ruas em meio ao vírus, levando notícias e buscando informações.

2.4 A PANDEMIA E SUAS REAÇÕES

A quantidade de informação e, conseqüentemente, de fake news trouxe protagonismo aos jornalistas, que se empenham diariamente para informar com qualidade, clareza e, principalmente, com veracidade. A pandemia, de certa forma, contribuiu para que a sociedade percebesse a importância e a diferença que existe entre o profissional de comunicação sério e as pessoas que publicam sem checagem e repassam informações sem avaliar nenhum critério, mostrando a superficialidade de informações de amadores e a competência dos jornalistas (Mascaro, 2020).

Desde dezembro de 2019, a expressão “covid-19” passou a fazer parte do vocabulário

popular como referência à doença provocada pelo vírus SARS-CoV-2, identificado pela primeira vez em Wuhan, na China, e que se tornou um vírus mundial. Os meios de comunicação entraram para a história ao caminhar junto ao coronavírus na busca de trazer dados sobre a doença, esclarecer fatos obscuros e levar informações diárias e esclarecedoras ao público receptor, através dos profissionais da área que se colocavam em exposição ao vírus diariamente em suas rotinas de trabalho para que a informação chegasse às pessoas (Mascaro, 2020).

O que no início era tratado, sem preocupação, como um tipo de pneumonia, em poucos meses atingiu vários continentes com o surto e foi classificado como uma pandemia mundial pela Organização Mundial da Saúde (OMS), no dia 11 de março de 2020. A partir daí, centralizou o mundo inteiro em um só assunto: a pandemia de covid-19, doença causada pelo novo coronavírus. Apesar de a doença ter se originado na China, todos os dias milhares de novos casos e mortes em decorrência do vírus foram registrados em diversos países.

No Brasil, o primeiro caso de contaminação pelo vírus foi identificado em São Paulo, no dia 25 de fevereiro de 2020, em um homem de 61 anos que possuía histórico de viagem para a Itália. Pouco mais de um mês depois, a primeira morte pela doença no país foi registrada, sendo a vítima um homem de 62 anos que tinha diabetes, hipertensão e hiperplasia prostática. A disseminação do novo coronavírus acelerou-se rapidamente e ultrapassou todas as linhas geográficas, tornando-se um caos mundial. Desde então, o mundo mudou. A sociedade precisou se reinventar para sobreviver e não apenas viver. Várias rotinas tiveram que se adaptar e desenvolver novas estratégias para conciliar os afazeres diários com a dor e o sofrimento de ver, a cada dia, o número de mortos aumentando em todo o mundo.

Os casos de contaminação aumentaram em vários países ao mesmo tempo, o que levou todos a, diariamente, consumirem e dependerem das mídias que produziam informações ligadas ao coronavírus. Com mais gente em casa seguindo as orientações de isolamento ou distanciamento social, empresas de comunicação perceberam o interesse e a necessidade do público em consumir e estar alinhado com as notícias sobre o assunto, aumentando seus conteúdos (Cezar et al., 2021).

O relatório *Reuters Institute Digital News Report* (2019) mostrou que, no contexto da covid-19, houve uma revalorização da mídia tradicional brasileira, especialmente a TV, o que demonstra que, em momentos de crise, há uma maior confiança depositada no Jornalismo televisivo. O auge da cobertura da imprensa foi em meados de março de 2020, pela convicção da gravidade do vírus e da importância de alertar seus espectadores. As principais pesquisas na internet estavam

relacionadas a “O que é pandemia?”, “O que é coronavírus?”, “O que é covid-19?” e “Como pegar covid-19?”, pois não era um assunto abordado nos veículos de comunicação, já que a última pandemia havia acontecido entre 1918 e 1920, durante a Primeira Guerra Mundial, causada pela gripe espanhola.

Todos os dias surgiam novos avanços do vírus que traziam muitas incertezas, e era necessário que as pessoas soubessem o que estava acontecendo. Nelson Traquina (2005), ao elencar os parâmetros adotados para que os acontecimentos sejam transformados em notícia, definiu a morte como o primeiro valor-notícia. O autor chega a afirmar que “onde há morte, há jornalistas” (Traquina, 2005, p. 75), e essa afirmação se aplica ao contexto em que o hábito das pessoas de ver, ouvir e ler jornal ficou mais perceptível neste momento de espera pelo aumento no número de casos do novo coronavírus no Brasil. Por onde as autoridades poderiam informar de maneira rápida? E as novas avaliações da OMS (Organização Mundial da Saúde), por onde chegariam rapidamente, se não pela mídia?

A pandemia ressalta a essencialidade do Jornalismo em seu papel social de levar a informação apurada e verídica não somente a um grupo específico e determinado por particularidades, mas a todos os indivíduos e grupos sociais [...] No contexto de uma pandemia global, a informação também pode ser caracterizada como ferramenta de proteção, na qual o “cidadão- comum” consegue compreender a gravidade da situação e os impactos de suas atitudes na sociedade. (Moraes; Galdino; teixeira, 2020, p.251)

Segundo o artigo 4º do II capítulo do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, “O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu trabalho pela precisa apuração e pela sua correta divulgação”. Para isso, o jornalista precisa estar inserido na situação para poder transmitir os fatos com veracidade, o que leva à conclusão de que o trabalho jornalístico foi fundamental para manter o equilíbrio em meio ao caos pandêmico.

O Jornalismo e a saúde pública trabalham juntos para ampliar as fontes de informações de saúde, facilitar a compreensão pública da saúde e mobilizar apoio a favor ou contra as políticas de saúde pública. Esse relacionamento é ampliado durante as pandemias. Enquanto profissionais da área da saúde buscavam compreender a real gravidade do vírus covid-19, pessoas leigas baseavam-se em seus “achismos” e publicavam informações falsas, deixando algumas pessoas preocupadas de diferentes maneiras, enquanto outras acabavam banalizando o novo coronavírus, sem saber a real gravidade da situação (Lopes et al., 2023). Enquanto o mundo aguardava ansiosamente a

vacina que permitiria a retomada da vida normal e a recuperação das economias abaladas pelo coronavírus, um risco assombrava: o crescimento do movimento antivacina, uma das grandes fake news relacionadas à pandemia.

Mas como esses profissionais se sentem em meio a tais situações vividas? Estar expostos à contaminação por um vírus de proporção mundial, trazendo informações sobre uma doença que já matou mais de 5,5 milhões de pessoas no mundo, ter acesso e cobrir a rotina de hospitais, ouvir histórias com fins trágicos e perder parentes, familiares e amigos para o vírus, e continuar enfrentando-o diariamente foram algumas das dificuldades da rotina dos profissionais da comunicação frente à pandemia de covid-19.

2.5 ROTINA DE TRABALHO

As grandes empresas de comunicação foram, por muitos anos, as únicas detentoras da veiculação de informações, realidade cada vez mais afrontada no mundo moderno com a ascensão da internet. A era da informação dispõe de sites, blogs e plataformas, onde a produção e publicação de conteúdos se tornaram cada vez mais democráticas.

A evolução da tecnologia das redes de computadores permitiu um avanço na geração de diferentes formas de comunicação entre as pessoas. Pois através das redes de computadores é possível conectar-se superando grandes distâncias e alcançando grandes velocidades de comunicação. (Magalhães et al., 2010, p. 10)

Com a crise no sistema de saúde causada pela covid-19, a sociedade passou a usar a internet ainda mais, como ferramenta de trabalho e de comunicação. Os jornalistas que estiveram na linha de frente também inovaram e usaram a internet de forma a ajudar em seus trabalhos e continuar informando com qualidade. Assim como diversos trabalhadores essenciais, os jornalistas se debruçaram em muitos esforços para manter a população informada, muitos deles enfrentando o risco de serem contaminados pelo vírus e encarando condições precárias de trabalho (Leal, 2021).

Para além da pandemia, a rotina de trabalho do jornalista é permeada frequentemente pela exposição a diferentes fatores de risco psicossocial, tais como: o convívio com situações de forte impacto emocional, a premência do tempo, a pressão dos editores-chefes pelo ‘fechamento da pauta’, a intensa competição pelo ‘furo de reportagem’ e pela primazia da notícia com seus

concorrentes, entre outros. Tal fato tende a se intensificar em situações de pandemia, como a da covid-19, que acentuou as mudanças comportamentais em toda a sociedade, obrigando os trabalhadores a adequar os processos de trabalho, especialmente aqueles que cumprem funções essenciais, como os jornalistas.

De acordo com a pesquisa da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), realizada com 457 profissionais de Jornalismo, a sobrecarga de tarefas e a cobrança tiveram um aumento de 55% na pandemia da covid-19. Esgotamento mental, preconceitos, problemas pessoais e profissionais são alguns dos diversos desafios que o profissional encontra pelo caminho. Além disso, a estabilidade no emprego foi abalada nesse período, fazendo com que os responsáveis pelo sustento de lares precisassem adaptar-se a diversas mudanças ao mesmo tempo.

Durante o período, no contexto das medidas preventivas em relação ao controle da circulação do vírus, o Jornalismo foi considerado serviço essencial. Assemelha-se, assim, aos serviços de saúde, ficando de fora dos decretos sanitários que estabeleceram a restrição da mobilidade. A necessidade de proteção dos profissionais de saúde ganhou relevante destaque, mas o mesmo não se verificou para outras categorias profissionais, como a da área de comunicação. Apesar das medidas tomadas pelas empresas para garantir a saúde de funcionários, como o uso obrigatório de máscara, álcool em gel e Equipamentos de Proteção Individual (EPI), em muitos estados a categoria não foi incluída como prioridade para receber a vacinação contra o vírus, deixando os profissionais em situações de risco por mais tempo, e, infelizmente, nesse cenário houve casos de profissionais que faleceram pela doença (Tabai; Santos; Coqueiro, 2022).

Segundo a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), entre os anos de 2020 e 2022, morreram pelo menos 324 jornalistas no Brasil em decorrência da covid-19. Os dados ainda revelam que o número de mortes de homens é mais alto, sendo 275, enquanto o número de mortes de mulheres é 39. A Fenaj ainda revela que o número de mortes de jornalistas caiu por causa da vacinação.

Mesmo com os cuidados, a situação exigiu alterações nas rotinas de produção do Jornalismo. Com a maioria da população em casa (visto que quem estivesse na rua seria apenas para situações imprescindíveis), o Jornalismo teve que se adaptar a diversas situações, sendo uma delas a gravação de entrevistas por videochamadas ou, no caso de gravações presenciais, com distanciamento de 1 metro e meio, uso de álcool gel, máscara antiviral e microfones individuais. Profissionais pertencentes aos grupos de risco assumiram o home office, medida seguida logo

depois por um contingente maior de jornalistas, que viram suas casas serem transformadas em sucursais da redação (Tabai; Santos; Coqueiro, 2022).

No auge da pandemia, a Federação Nacional de Jornalistas (Fenaj), em articulação com sindicatos de jornalistas profissionais dos estados brasileiros, coletou dados sobre os impactos da Medida Provisória 936 (MP 936) sobre as relações de trabalho dos jornalistas nesse período de pandemia. De acordo com o levantamento, com dados pinçados até julho de 2020, quando já havíamos atravessado o pico da primeira onda da covid-19 na maioria dos estados, 3.930 jornalistas que trabalhavam em redações com carteira assinada, nas bases de 16 sindicatos do país, tiveram redução de salário e de jornada durante a pandemia, além das demissões em massa.

3 METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa foi o estudo de campo, essencial para coletar dados diretamente no ambiente onde os fenômenos ocorrem, proporcionando uma compreensão detalhada e contextualizada. Essa abordagem possui os seguintes passos, segundo Alexandre et al. (2021):

1. Definição do Problema de Pesquisa: Para este estudo, foram selecionadas as seguintes questões: a) Como será que esses profissionais se sentiram ao expor suas vidas a um vírus em nome da sua profissão? b) Apesar de tantos dias negativos, cobrir também a chegada da vacina contra o vírus trouxe alívio e esperança?

2. Seleção do Local e Sujeitos de Estudo: O estado de Alagoas foi escolhido devido à viabilidade da coleta de dados, e os sujeitos do estudo foram seis: Amorin Neto, jornalista e repórter da TV Gazeta de Alagoas; Ana Carla, jornalista e editora do portal TNH1; o presidente da época do Sindicato dos Jornalistas de Alagoas, Izaías Barbosa; o diretor e cinegrafista da TV Pajuçara, Henrique Moura; a produtora Lírida Nerys; e o repórter Wadson Correia.

3. Métodos de Coleta de Dados: Foram utilizados a observação direta, entrevistas, questionários (APÊNDICE 1), com oito questões, e gravações de áudio e vídeo, que possuem uma duração total de 22 minutos. Vale destacar que o contato com esses profissionais foi feito por terceiros e através de meios de comunicação como WhatsApp e redes sociais.

4. Coleta de Dados: As gravações ocorreram em três dias. Foram editadas por um profissional e gravadas por outro, ambos contratados. As gravações foram feitas em locais diferentes: Ana Carla em sua casa; Wadson e Lírida na TV Ponta Verde; Henrique Moura e Izaías no Sindicato dos Jornalistas; e Amorin Neto na TV Gazeta.

5. Análise de Dados: Após as entrevistas, foi necessário organizar e analisar os dados coletados para identificar padrões e insights relevantes, aplicando as edições necessárias até a criação do documentário final.

6. Interpretação e Conclusão: Assim, os resultados foram interpretados por meio do programa denominado "TurboScribe.ai", que transcreveu as falas do documentário, permitindo tirar conclusões sobre o fenômeno estudado e sugerir implicações ou recomendações.

7. Relatório de Pesquisa: Ao final, foi elaborado um relatório detalhado que descreve o processo de pesquisa, os achados e as conclusões.

Após identificar essas etapas, o passo seguinte foi a criação do documentário, um processo criativo e técnico que envolve a transformação dos dados coletados em uma narrativa visual e auditiva cativante. Observa-se no Quadro 1 abaixo:

Quadro 1- Passo a passo para criação do documentário

ETAPAS	DESCRIÇÃO
Planejamento e Pesquisa	Desenvolver um conceito claro para o documentário, baseado nos dados coletados no estudo de campo. Fazer uma pesquisa adicional para enriquecer o conteúdo.
Roteiro	Escrever um roteiro que organize a narrativa do documentário, incluindo entrevistas, cenas de observação e elementos visuais.
Pré-Produção	Planejar a logística da filmagem, incluindo a escolha de equipamentos, locais de filmagem, e obtenção de permissões necessárias. Selecionar a equipa de produção e definir o cronograma.
Filmagem	Capturar as cenas planejadas, realizando entrevistas e registrando eventos e interações no local de estudo. É importante garantir uma variedade de tomadas para cobrir diferentes ângulos e aspectos do tema.
Edição	Editar o material filmado para criar uma narrativa coesa e envolvente. Isso inclui a seleção de cenas, montagem, adição de narração, música e efeitos visuais.
Revisão e Feedback	Apresentar um corte preliminar do documentário a um grupo de revisão para obter feedback e fazer ajustes necessários.
Finalização	Realizar a edição final, corrigindo cores, ajustando o som e adicionando legendas ou outros elementos gráficos conforme necessário.
Distribuição	Planejar a distribuição do documentário, incluindo festivais de cinema, plataformas de streaming, redes sociais e outros canais relevantes.

Fonte: Puccini (2008)

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nas próximas páginas, serão expostos detalhes sobre as etapas de produção do documentário. Para isso, utilizo a nomenclatura empregada por Sérgio Puccini (2009) no livro *Roteiro de Documentário: da Pré-produção à Pós-produção*. A presente seção é dedicada às fases de pré-produção e filmagem.

4.1 PRÉ PRODUÇÃO

Iniciei a pesquisa sobre o tema em fevereiro de 2022, quando o escolhi para cumprir nota na disciplina de Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso. A escolha ocorreu, principalmente, devido à experiência de estágio que obtive na produção de uma emissora, onde vivenciei as etapas que levam a informação até a população. Refleti sobre o fato de que, sempre, sejam dias normais, feriados, pandemias ou guerras, é necessário que equipes jornalísticas estejam nas ruas para garantir que essa informação não falte. Questionei-me sobre como a categoria é imprescindível e, ao mesmo tempo, pouco valorizada, já que muitas pessoas não compreendem ou não se interessam em saber como esses profissionais se sentem em situações como a cobertura da pandemia da Covid-19, expondo suas vidas em nome do Jornalismo.

Desde então, defini que essa seria a temática escolhida para o meu TCC, com o objetivo de abordar e ouvir esses profissionais, buscando aumentar a empatia da sociedade para com eles. Para iniciar o presente projeto, defini quais seriam os profissionais que poderiam me conceder entrevistas. Para alcançar esse objetivo, baseei-me nas funções e na área de atuação de cada profissional durante o período da pandemia, selecionando até dois entrevistados por emissora. Além disso, considerei as particularidades e desafios enfrentados por cada um, analisando as individualidades que cada história poderia trazer, para que se obtivessem diferentes perspectivas de cada profissional.

O primeiro contato com os possíveis entrevistados foi feito por WhatsApp, através de números de celular que consegui com amigos e conhecidos que trabalham, já trabalharam ou são amigos desses profissionais. Dos seis profissionais contatados, cinco responderam, demonstraram interesse em participar do filme e concederam entrevistas para o documentário. Um profissional, no entanto, se prontificou a participar, mas passou a ignorar minhas mensagens e ligações

posteriormente.

4.2 ETAPA DA PRODUÇÃO

O período entre o final de maio e o início do mês de junho de 2022 foi o momento de realizar as gravações do documentário, que foram feitas com uma câmera DSLR modelo 6D, da fabricante Canon. As lentes objetivas utilizadas foram as fixas 24-70 mm, 24-105 mm e 50 mm, pertencentes ao cinegrafista Bruno Magia, que se prontificou a me ajudar com as gravações de todo o vídeo documentário.

Figura 1- Câmera DSLR modelo 6D, da fabricante Canon



Fonte: Google imagens (2024)

Durante as entrevistas, os equipamentos de filmagem ficaram em um tripé, conectados a um microfone lapela nos entrevistados para captação do áudio. Para monitorar a gravação e fazer com que o olhar dos entrevistados estivesse sempre direcionado para uma região próxima à dos equipamentos de vídeo, fiquei posicionada ao lado da câmera durante todo o tempo, e obtive o auxílio de um cinegrafista em todas as entrevistas, que se prontificou a me ajudar sem receber recurso algum.

A primeira gravação realizada foi a entrevista com Amorim Neto, jornalista e repórter da TV Gazeta de Alagoas. A gravação aconteceu durante uma manhã de sábado, no dia 21 de maio, no jardim da emissora. Durante a gravação, não houve interrupção por nenhuma parte. O único problema que aconteceu foi com relação ao equipamento de som. O microfone de lapela utilizado para a captação do som da intérprete falhou durante o início da entrevista, captando um som muito baixo e sem frequências graves, e regravamos o texto não captado.

A segunda gravação realizada foi a da entrevista com Ana Carla, jornalista e editora do portal TNH1, que aconteceu logo após a primeira entrevista, em sua residência. No primeiro momento, o local escolhido para realizar a gravação seria na parte externa do condomínio, onde não foi possível devido ao som do ruído do gerador, que seria captado no áudio da entrevista. Na parte interna, também obtive dificuldade com o som do ambiente, onde foi necessário fechar as portas que davam acesso à sala em que estávamos, para amenizar os ruídos e barulhos externos.

A terceira e a quarta gravação foram realizadas logo após, no Sindicato dos Jornalistas de Alagoas, com o na época presidente Izaias Barbosa e o diretor e também cinegrafista da TV Pajuçara, Henrique Moura. Ambas as gravações não tiveram problemas com os equipamentos e captação de sons no ambiente.

Em contato com o cinegrafista entrevistado, ele solicitou que gravássemos novamente sua entrevista, pois não teria ficado satisfeito com o falado na primeira, e, por volta de duas semanas depois, realizamos a gravação em seu local de trabalho, onde ele foi rápido e objetivo com as palavras, obtendo, assim, contentamento com a entrevista cedida.

Houve ainda uma quinta e sexta entrevistas com a produtora Lírida Nerys e o repórter Wadson Correia, intermediadas pelo cinegrafista que estava me auxiliando com as gravações, onde ele aproveitou que trabalhava no mesmo ambiente que os entrevistados e os contatou, solicitando um tempo no expediente para realizar as entrevistas, que foram bem-sucedidas e guiadas através do roteiro enviado a ele por mim via WhatsApp.

Após a etapa das gravações, recebi o apoio do Bruno para editar o material, que passou os vídeos brutos para mim por meio de um HD externo. No mês de agosto do mesmo ano, durante o processo de decupagem, tive o HD queimado com os vídeos nele, o qual passei cerca de cinco meses tentando recuperar o material perdido, através de técnicos especializados na área, mas não obtive sucesso.

Já desanimada com o processo, e com uma gravidez descoberta no mês de outubro, estava determinada a refazer todas as gravações novamente, quando recebi a notícia do Bruno, informando que conseguiu encontrar cópias dos vídeos em seus documentos, me permitindo assim retomar a produção de onde parei. Entretanto, além dos sintomas comuns de gravidez, fui surpreendida com uma gestação de risco e já não conseguia ser proativa como antes. Somente em novembro de 2023, após os processos de gestação, parto, recuperação, puerpério, baby blues, privação de sono e crescimento do bebê, consegui finalizar a decupagem e concluir o relatório teórico.

Transcrevi toda a decupagem em folhas de caderno e depois passei para o roteiro de edição. Com as falas cortadas, iniciei o processo de montagem de forma escrita, e, além de decupar o depoimento dos entrevistados, também decupei as matérias e entrevistas veiculadas na TV, para enriquecer o documentário com imagens de apoio, já que estas deveriam ser de anos passados, não me permitindo gravá-las.

A edição de todo o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi realizada por um serviço contratado, onde o roteiro de edição foi criado e enviado por mim para o editor, assim como a escolha de todos os efeitos, fontes, sons e imagens de apoio presentes no vídeo documentário, sendo essas imagens de apoio encontradas na internet nos sites e canais das emissoras de TV locais. O programa utilizado para a edição das imagens foi o Adobe Photoshop, e o material foi entregue em 15 dias após a solicitação.

4.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

O documentário inicia com a chamada de um telejornal em Alagoas e, pela TV aberta, começa com “COVID-19”. Vale destacar que as falas abaixo estão no documentário e foram transcritas pelo programa TurboScribe.ai, de forma gratuita. Assim, o documentário expõe que:

Conforme inicia-se o documentário com a abertura, destacando que “A primeira morte pela Covid-19. O Brasil lidera o ranking de mortes e casos por Covid-19 no mundo. Em 7 dias, o número de internações de pacientes com Covid aumentou. Já que está proibida a circulação nessas áreas. Em uma entrevista, uma mulher expõe que “Minha filha passou 17 dias na UTI”. Um homem de 61 anos que mora em São Paulo e viajou para a Itália. O número de casos suspeitos aqui em Alagoas aumentou. Desde que ele se apresentou com sintomas, ele já foi isolado. A primeira morte por coronavírus aqui em Maceió era de um homem de 64 anos.”

Como observado ao longo dessa pesquisa, a pandemia de COVID-19, causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, desencadeou várias ondas de infecções em todo o mundo, caracterizadas por picos sucessivos de casos, hospitalizações e mortes. Cada onda refletiu uma combinação de fatores, incluindo o surgimento de novas variantes mais transmissíveis, relaxamento das medidas de distanciamento social e alterações no comportamento das populações. Para os jornalistas entrevistados, a visão foi a seguinte:

Todo mundo, todo ser humano tem medo da morte (José Amorim, Jornalista Alagoano).

A gente precisava informar o máximo possível. O medo batia porque você tinha noção da gravidade frente (Ana Clara Vieira, Jornalista e Diretora TNT)

A pandemia, a gente começou a acompanhar essa história desde quando surgiram os primeiros casos na China. E a gente ficava assim, meio que se perguntando como será isso porque já tivemos tantas outras epidemias que surgiram na Ásia. Mas essa proporção que a Covid-19, o vírus, tomou foi muito rápida, muito terrível (José Amorim, Jornalista e Reporter Alagoano).

Tinha acabado de migrar para o TNH e inclusive o editor-chefe estava em férias. Então eu estava assumindo todas as funções, coordenando a equipe quando começou a falar de pandemia no mundo. E aí a gente ficou já atenta, fazendo aquela cobertura, pegando notícias de fora e já sem saber muito o que vinha pela frente. Quando chegou o primeiro caso do Brasil, eu realmente estava na redação, trabalhando e era coletiva em São Paulo e tudo mais. E a gente, sem saber o que vinha pela frente, sem saber o que esperar até que o primeiro caso foi confirmado em Alagoas (Ana Clara Vieira, Jornalista e Diretora TNT)

Ainda com base na análise do vídeo, cita-se que “o primeiro caso de Covid-19 em Alagoas foi confirmado neste final de semana pela Secretaria de Estado da Saúde. Nós temos um paciente de 42 anos de idade que retornou a Maceió, proveniente da Itália, no último dia 3 de março. Ele já apresentou os sintomas e corretamente procurou uma unidade de saúde aqui de Maceió.” Conforme a teoria já citada nos capítulos teóricos, as campanhas de vacinação em massa ajudaram a mitigar o impacto das ondas subsequentes, reduzindo a gravidade dos casos e a mortalidade. Mas a pandemia destacou a necessidade contínua de vigilância epidemiológica, adesão às medidas de saúde pública e investimento em sistemas de saúde resilientes para enfrentar futuras crises sanitárias. No entanto, os jornalistas e toda a população não sabiam como agir:

Ninguém sabia o que a gente ia enfrentar. E o Jornalismo naquele momento não podia parar. Era essencial para trazer as informações para a comunidade. Foi chegando aos poucos no sul do país, chegando no Nordeste. Eu lembro que a cidade de Mata Grande, no Alto Sertão, foi a última cidade a registrar o caso do coronavírus (Wadson Correia, Jornalista e Reporter)

Quando confirmou que surgiu o alerta, a gente olhou um para a cara do outro e disse Meu Deus, já saí agora. A gente vai viver uma pandemia. A gente não tinha noção do que viria pela frente (Liridea Leros, Jornalista e Editora de Textos)

Tivemos cerca de 70 companheiros contaminados, 70 comunicadores, com 10 vítimas. Dentre eles, 7 jornalistas (Izaías Barbosa, Presidente do Sindicato dos Jornalistas)

Foi diagnosticado e os pulmões comprometidos em 50%. O exame contou (Henrique Moura, Reporter Cinematográfico)

Foram registrados mais de 30 mil casos de coronavírus na quarta-feira (Henrique Moura, Reporter Cinematográfico)

Dados do documentário apontam que “o mundo registrou mais de 2,5 milhões de infecções pelo coronavírus”. Nessa onda de aumento de casos, os jornalistas passaram a sentir a pressão mundial da doença:

E então eu fui no hospital. E ainda questionei com a médica se não seria o caso de ficar internado. Ela disse não. A minha esposa também, durante a noite, já apresentou os mesmos sintomas. Então passamos sete dias isolados (Henrique Moura, Reporter Cinematográfico)

O governador e o secretário de saúde convocaram a coletiva e a gente foi correndo. A gente mandou um repórter para a coletiva e eu fiquei na redação para postar todas as informações no tempo mais breve possível e com a precisão de detalhes e de informação de veracidade que aquilo exigia (Ana Clara Vieira, Jornalista e Diretora TNT)

No primeiro caso a gente soube na redação que havia sido identificado o primeiro caso no Brasil, em São Paulo (José Amorim, Jornalista Alagoano).

Dados relatados no vídeo destacam que “o Brasil teve o primeiro caso de coronavírus confirmado, um homem de 61 anos que morava em São Paulo e viajou para a Itália. O primeiro caso de coronavírus no país foi confirmado a partir de exames feitos aqui no Instituto Adolf Lutz, laboratório de referência científica e credenciado pelo Ministério da Saúde.”

E daí vieram os casos crescendo, sempre subindo (José Amorim, Jornalista Alagoano).

Ainda segundo dados relatados no documentário, “100 pessoas transmitem o vírus para outras 123. Essa 123 para mais 151. A 151 para 186 e depois 228 e assim sucessivamente.” Para os jornalistas, essa informação causava medo:

Isso vai se espalhar pelo Brasil. Começou a bater aquele medo, né? Tinha medo porque é um vírus mortal, a gente já sabia naquele momento. E todo mundo, todo ser humano tem medo da morte (José Amorim, Jornalista Alagoano).

Porque localmente as TVs, elas não conseguiam repercutir ainda muita coisa, porque era coisa muito de fora, ainda não estava ao nosso alcance. Mas no online não. No online a gente já estava todo o tempo, só Covid, só falava de coronavírus, coronavírus do que é, como é os países que já tinham detectado casos. Aí casos no Brasil, casos em Alagoas. Foi um turbilhão de informações que a gente ficou meio atordoada mesmo. No início, quando olhava para o site só tinha isso, basicamente. Eram muitas informações mesmo, era tudo muito novo e a gente precisava informar o máximo possível. O medo batia porque você ali meio que privilegiado recebendo informação primeiro, mas você tinha noção da gravidade. E você olhava para a rua e as vezes as pessoas estavam ainda muito alheias a tudo, aleatoriamente assim, sabe, sem dar, parece a importância que a gente percebia da gravidade, do que estava acontecendo (Ana Clara Vieira, Jornalista e Diretora TNT)

É angustiante para a gente, porque estávamos vendo, enquanto muita gente ficou em casa para se livrar da doença, jornalista teve que continuar trabalhando. O jornalista tinha que informar a sociedade e foi de grande importância para a sociedade. Enquanto todo mundo estava em casa, o jornalista estava buscando a notícia para informar de como estava se passando naquele momento, quantas vítimas, quais os riscos, o que deveríamos fazer para não contrair a doença (Izaías Barbosa, Presidente do Sindicato dos Jornalistas)

A mídia, ela foi a única com a saúde, com os profissionais da saúde, que não parou. Eram 24 horas, todas as novidades, atualizando o número de mortos. E o papel da mídia foi importantíssimo para salvar vidas (Wadson Correia, Jornalista e Reporter)

Ainda nessa onda de medo, passa-se a ser noticiado que “Não sendo imunizados os profissionais da área de saúde. Uma primeira análise de laboratório já tinha sido feita ontem. Bastante a procura por leitos para pacientes graves da Covid. Proibiu o acesso nos fins de semana às praias de toda a lagoa”

Era aquela coisa da população deixar para lá. O famoso Vistas Grossas, a famosa Vistas Grossas. Mas a gente já tinha uma certa preocupação. A gente que pesquisa, que vai se atualizando da ciência e as informações vão chegando. Olha, os casos estão chegando, vão chegar ao Brasil. E as pessoas não se preocupavam, não tinham cuidado. Até que aconteceu o primeiro caso. O primeiro caso a gente soube na redação. De que havia sido identificado o primeiro caso no Brasil, lá em São Paulo (José Amorim, Jornalista Alagoano).

O Brasil teve o primeiro caso de coronavírus confirmado. É um homem de 61 anos que mora em São Paulo e rapidamente se espalha para os outros estados:

Aí veio o primeiro caso de Alagoas. Um casal que contraiu o vírus lá em São Paulo. Veio para cá, a esposa ficou internada lá em São Paulo (José Amorim, Jornalista Alagoano).

A gente enxergava bastante o papel social que a gente estava desempenhando naquele momento. Apesar do medo de tudo. E o que revoltava era ver as pessoas negligenciando a situação. Os plantões eram intensos, os finais de semana e tudo. Por causa desse assunto. E a gente ali tentando fazer de tudo. De levar a informação para as pessoas de tudo o que estava acontecendo. E quando você olhava alguns comentários, até redes sociais e tudo mais. O povo rechaçando o seu trabalho. Dizendo que não tem assunto mais. Só fala disso. A gente precisava falar daquilo. Precisava mostrar a importância, a gravidade de tudo o que estava acontecendo (Ana Clara Vieira, Jornalista e Diretora TNT)

O papel da imprensa brasileira foi fundamental. Cobrando das autoridades. Cobrando soluções. Cobrando que o Senado, a Câmara Federal aprovasse projetos. Decretos que foram importantes para o isolamento social. Então era o dever da imprensa, naquele momento, comunicar à sociedade o que estava acontecendo. E esse papel social foi feito (Wadson Correia, Jornalista e Reporter)

Nesse momento, abriu-se inquérito para investigar a denúncia de que fura filas estariam

usando o nome de pessoas que já morreram. Para tomar a vacina contra o novo coronavírus. Com isso, o objetivo era atenuar os efeitos dessa segunda onda.

Estávamos expostos. Não só o profissional jornalista, como a família do jornalista. Porque se você adquirir essa doença, você vai levar para dentro da sua casa. E a doença não escolhia a idade. Ela poderia ser qualquer. Tivemos casos de pessoas na mesma família. Onde uma senhora de 90 anos contraiu a doença. E a neta de 16. A neta morreu e a avó continuou. A gente ficava no angústia. Porque buscamos o apoio do Ministério Público do Trabalho. Onde a gente pediu a intermediação do Ministério Público. Para que as empresas cumprissem com o papel dela. De ceder aos profissionais os EPIs. Porque era uma forma de você se precaver da doença. Para que a gente tivesse o mínimo. Que era o mínimo. Que fossem os cuidados. Para que essa doença não avançasse no nosso meio (izaías Barbosa, Presidente do Sindicato dos Jornalistas)

O Brasil foi o segundo país do mundo onde mais morrem jornalistas vítimas da Covid. Praticamente uma morte por dia, mas os jornalistas de Alagoas nas entrevistas apontam que não cogitavam parar de levar informação:

Parar de trabalhar nunca foi uma das coisas que eu cogitasse. Enquanto jornalista. Porque o que a gente estava vendo? Uma série de informações desconstruídas. Um grupo de pessoas. Ou algumas pessoas querendo desacreditar. Que estava existindo uma doença. Uma pandemia. E a gente vindo que as pessoas estavam adoecendo. Então assim. Era um choque de contradições. Como é que eu estou vindo de um hospital cheio. As pessoas adoecendo ou morrendo. E tem gente que não acreditava. Então para mim foi... Parar nunca foi cogitado. Enquanto comunicadora. Mas eu tinha medo também. De estar na linha de frente (Liridea Leros, Jornalista e Editora de Textos)

Uma pauta sobre a vacinação dos idosos. Já era um processo da descoberta da vacina. A ciência foi mais à frente. E descobriu a vacina. E quando estavam vacinando esses idosos. Aconteceu um ato. Um protesto. Na região do Jaraguá. A imprensa ficou assustada. Eu fiquei como um repórter naquele momento. Porque existia um ato. Um ato ali. Que estava atrapalhando a vacinação desses idosos (Wadson Correia, Jornalista e Reporter)

Com o aumento de casos, causou-se um tumulto. Generalizado. Em um dos pontos de vacinação. Contra a Covid-19, na cidade de Maceió Alagoas. O ato impediu a chegada de idosos. Porque a concentração do protesto. Foi justamente. No estacionamento de Jaraguá.

E os Jornalistas. Que estavam naquele momento ali. Eu digo. Pela minha participação. Eu fiquei acuado. Então eu fiquei mais isolado. Acompanhando esse protesto. Que foi durante o final de semana. Que lotou. Impedindo que os idosos chegassem. Para a vacinação. E todo mundo ficou com medo ali. Sentia uma pressão. Como se não era para vacinar. Uma incerteza (Wadson Correia, Jornalista e Reporter)

E achar que. Não é como estão dizendo. De você noticiar. Festa clandestina (Ana Clara Vieira, Jornalista e Diretora TNT)

Eu acho que na verdade. É uma consciência de cidadania. Porque o Jornalismo. Me faz uma pessoa. Com um papel social diferente. Também. Porque a gente tem que ter responsabilidade. Mas isso é em qualquer profissão. Então. Socialmente falando. Era muito difícil. Eu chegar. Em algum lugar. Ou numa roda de familiar. E as pessoas descreditarem. Da vacina. Se a gente estava vendo. Que cientificamente. Era isso que era recomendado. Eu não estudei o combate ao vírus. Eu não estudei. As doenças que estão aí. Então assim. Se eu não acreditar em quem está se dedicando a estudar isso. Eu não acredito em quem frente (Liridea Leros, Jornalista e Editora de Textos)

Em todos os estados do nordeste. A ocupação de leitos de UTI. Para a Covid-19. Estava igual ou acima da média. Registrada em Alagoas. Rio Grande do Norte e Pernambuco. Tem 97% dos leitos de terapia intensiva. Ocupados. No Piauí o índice é de 96%. No Maranhão. Chega a 95%. No Ceará o percentual é de 92%. Na Bahia e Sergipe. 86%. Na Paraíba. A ocupação de leitos de UTI. Para pacientes com Covid-19. É de 85%. Com essa notícia os Jornalistas passaram a ficar assustados:

Eu fiquei mais chocado. Vendo a TV. Vendo aquela avalanche de mortes. Aquelas tragédias nas famílias. Tanta gente sofrendo. Tanta gente perdendo familiares. Aquela situação de Manaus. Aquilo deixava a gente angustiado. Triste (José Amorim, Jornalista Alagoano).

Nessa segunda onda. Meu pai se infectou (Ana Clara Vieira, Jornalista e Diretora TNT)

Infelizmente perdi amigos. Perdi três amigos. Perdi uma cunhada. Foi uma tristeza imensa na família (José Amorim, Jornalista Alagoano).

Como é que pode? Eu trabalhando assim. Com tanta informação. Com tanta coisa. Tentando todos os cuidados. E isso acontecer. A minha diretora de Jornalismo disse. Quando acabou. No domingo ela ligou pra mim. E ela disse. Amanhã você não precisa trabalhar. Apesar de você não poder. Ficar junto com sua mãe. Pela situação de isolamento. Nem muito menos. Com ele no hospital. Mas assim. Se recomponha psicologicamente. Vai dar tudo certo. E assim. Meus colegas da redação me deram muito apoio. Ele. Deu a piora. Foi entubado. Os rins paralisaram. Eles tentaram fazer hemodiálise. Ele não reagia bem. A hemodiálise. Aí eles começaram a pedir sangue. A gente fez uma campanha. Pra doação de sangue. Foram mais de 100 doadores de sangue. Pro meu pai. Em 15 dias ele faleceu. No hospital metropolitano. Era a segunda. Logo cedo quando eles ligaram. Pra mim e pra minha irmã. Pra mim foi muito difícil. Quando eu não aguentava. Eles me receberam. Eles iam pra casa. Fique bem. A gente segura as pontas. Eu fiquei uma semana afastada. Minha mãe tinha acabado de se recuperar. Mas tinha que voltar. Uma hora tinha que voltar a trabalhar. Tinha que voltar a lidar. Com esse assunto. Era muito dolorido. Ainda é muito dolorido (Ana Clara Vieira, Jornalista e Diretora TNT)

E foi isso que tentamos mostrar. Pra muita gente. Quando pedimos. Que o Jornalista fosse. Também vacinado. Que fôssemos colocados. Na prioridade. Pra vacinação. Prioridade essa. Que foi negada. Porque dependia. Do governo federal. Do ministério da saúde (Izaias Barbosa, Presidente do Sindicato dos Jornalistas)

Apesar de terem sido incluídos. No decreto do governo. Sobre serviços emergenciais. Os profissionais de imprensa. Não faziam parte do grupo prioritário. No programa nacional de imunização. Contra o coronavírus. Apenas três estados. Começaram a vacinar Jornalistas. Maranhão, Bahia e Mato Grosso. Além da cidade de Teresina. A capital do Piauí.

Nós tivemos vários momentos. Em que a gente até diz assim. Poderia ser evitado. Poderíamos ter menos casos. Poderia ter. Colocado em risco. Vários profissionais. Uma das coisas que a gente já falou. Se a vacina tivesse chegado antes. Nós tivemos casos de profissionais. Que tiveram, foram colocados. Dentro de centros. De tratamento. Ou de centros de seleção. Onde você estava em contato direto. Com pessoas infectadas (izaías Barbosa, Presidente do Sindicato dos Jornalistas)

Eu e minha equipe. Nem entrava no hospital. A gente fazia questão de não entrar. Nem se aproximar. O representante do hospital descia. Até a nossa equipe de reportagem. Que gravava na porta da unidade de saúde. Era uma forma da gente. Se precaver. Evitar a contaminação. E mesmo com essa. Essa questão de segurança. Se precavendo. Ainda fui. Vítima do coronavírus. Fiquei internado. Isso mais adiante. Mas o dever jornalístico foi feito. Como deveria ser feito (Wadson Correia, Jornalista e Reporter)

Eu tenho certeza. Que os meus colegas repórteres. Que estavam mais na linha de frente. Sofreram mais com essa situação (José Amorim, Jornalista Alagoano).

Poderia fazer via vídeo. Como em muitas empresas. A gente chegou a ver. Onde você fazia entrevista por vídeo. Hoje a tecnologia. A gente tem esse avanço da tecnologia. E por que nesse caso. A gente não utilizar. Cheguei a falar para empresas. Você faz a entrevista por vídeo. Não precisa você colocar o profissional lá dentro. Tivemos vários profissionais. Nós tivemos uma morte. E nós tivemos uma pessoa. Tivemos outro profissional. Que também pegou no mesmo período. E que até hoje está com sequela. Está com sequela. E o INSS mandou ele voltar a trabalhar. Sem estar em condições de trabalho. Então dependia do chefe. Então esse tipo de determinação. Se não tivesse acontecido. Poderia ter sido evitado. E a gente não tinha como. O sindicato não tem o poder de polícia. Para ir lá e dizer. Não é. Não vai. Então a gente buscou. O apoio de quem poderia fazer. Que era a justiça do trabalho (izaías Barbosa, Presidente do Sindicato dos Jornalistas)

O que marcou mesmo. É emocionante. Lembrar e tudo. É o Falco. Ele trabalhou muito tempo comigo. E de repente o Falco saiu brincando. Da redação. Estou com uma coceira na garganta. Tenho que ficar em casa. Ele não dava muita bola. Para doer. E infelizmente. Nesse dia que ele saiu brincando. Ele já foi a esposa dele. Já o levou para o hospital. E ele já ficou internado. Quando ele já estava. Acho que mais de 30 dias. Já hospitalizado. E ele saiu. Já da UTI para o quarto. E no quarto ele sofreu uma trombose. Uma madrugada triste. Porque a gente dorme assim. Sabendo que aquele amigo está bem. Que está saindo de uma situação difícil. E de repente. Você acorda de madrugada. Com a notícia de que aquela pessoa partiu. Vítima dessa doença maldita José Amorim, Jornalista Alagoano).

Por fim, a Organização Mundial da Saúde declarou o fim da pandemia da COVID-19. Os casos nas Américas caíram, com médias de casos e mortes, mesmo que em uma tendência de queda lenta. De acordo com a OPAS, ainda havia uma presença significativa de variantes mais contagiosas do vírus, como a Delta.

O documentário oferece uma visão abrangente e profunda sobre a crise global desencadeada pelo coronavírus SARS-CoV-2. A produção destaca a origem do vírus, sua rápida disseminação e o impacto devastador na saúde pública e na economia mundial. Através de entrevistas com especialistas, cientistas e trabalhadores da linha de frente, o documentário proporciona uma narrativa informativa e humana sobre os desafios enfrentados pelos profissionais de saúde e pela população em geral. A inclusão de dados reforça a gravidade da situação e a urgência das medidas de contenção.

Além disso, o documentário aborda questões sociopolíticas e econômicas que emergiram durante a pandemia, como as desigualdades no acesso à saúde, o impacto nas comunidades vulneráveis e a resposta dos governos. A análise das estratégias de contenção adotadas por diferentes países oferece uma perspectiva comparativa, destacando o que funcionou e onde houve falhas. A narrativa também explora o papel da desinformação e das fake news na crise, mostrando como complicaram os esforços de combate à pandemia. Com uma abordagem crítica e reflexiva, o documentário não apenas informa, mas também provoca uma reflexão sobre a necessidade de preparar melhor a sociedade para futuras emergências de saúde.

4.4 IMPACTO DA PANDEMIA PARA OS JORNALISTAS

Observa-se ao longo das falas que o Jornalismo precisou acelerar uma série de adaptações e mudanças no período pandêmico, mudanças essas que se instalaram nas rotinas jornalísticas mesmo após a pandemia. Regras como nunca entregar o microfone ao entrevistado, a exigência de estar no local dos fatos para fazer uma reportagem em vídeo, e a qualidade técnica na captação de imagens sendo tão importante quanto as informações, entre outras, tiveram de ser quebradas, e rotinas de produção adaptadas. Repórteres mascarados, Jornalistas ameaçados, novas formas de captação e edição de imagens, veiculação em redes sociais e tantas outras mudanças foram, de forma brusca e rápida, incorporadas nas práticas habituais dos profissionais e se consolidaram após a pandemia (Paulino; Rodriguez, 2020).

As lives e videochamadas, que eram usadas de forma esporádica antes da Covid-19, tornaram-se, muitas vezes, não mais uma alternativa, mas o meio exclusivo de comunicação. Conferências, reuniões acadêmicas, administrativas e familiares, bancas de defesa de mestrado e doutorado foram realizadas através de mediação audiovisual, em telas. Se antes, na televisão, era

necessário ter imagens de alta definição e o entrevistado estar ambientado em um cenário adequado, com a pandemia, esses requisitos se tornaram menos criteriosos. Era possível ver entrevistas feitas por meio de celulares e computadores, com imagens borradas. Apesar da baixa qualidade, muitas vezes, o conteúdo que o convidado tinha a informar não poderia deixar de ser passado. Caiu a ideia de que, sem uma boa imagem, não seria possível fazer uma reportagem de TV (Andrade et al., 2020).

A pandemia inseriu de forma definitiva as redes sociais na relação entre Jornalistas e fontes. Além de acentuar a importância da divulgação de notícias ao público, gerou grandes transformações nas formas de contar os fatos em um telejornal. Em meio a um cenário caótico, as informações vindas dos veículos de comunicação passaram a ser amplamente buscadas pelos espectadores, e é possível perceber que os telejornais passaram por diversas modificações, tanto no conteúdo quanto na técnica, o que impactou na construção da notícia (Andrade et al., 2020).

Por fim, em 2021, momento em que a situação da Covid-19 estava sendo normalizada no Brasil, os veículos de comunicação buscaram retornar à rotina produtiva pré-pandemia. No entanto, algumas transformações, como as entrevistas por videoconferência e o envio de materiais produzidos pelos próprios entrevistados, parecem ter vindo para ficar e modificar a estrutura dos telejornais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Poder finalizar mais uma etapa tão importante dessa jornada, apresentando esse momento difícil que vivenciamos, mas conseguimos enfrentar, é gratificante. O que me levou à escolha desse formato foi o intuito de deixar registradas as palavras e sentimentos do que foi vivido nos anos de 2020 a 2022, pelos profissionais da comunicação. O principal objetivo desta pesquisa foi compreender as mudanças e dificuldades encontradas nas rotinas de trabalho dos Jornalistas após a instalação da pandemia de Covid-19.

Produzir esse trabalho foi desafiador. Mesmo diante das barreiras impostas pelo novo coronavírus, o resultado deste projeto experimental se mostrou para mim muito satisfatório, pois acredito que as condições que inicialmente poderiam ser vistas como obstáculos tornaram-se grandes dispositivos narrativos do meu produto, auxiliando-me a evocar os sentimentos e sensações pretendidos sobre as experiências vividas nesse momento tão singular do nosso tempo, transmitindo a mensagem desejada.

Ao chegar nessa etapa final, considera-se que, ao construir uma narrativa sobre os fatos citados, este trabalho também se coloca como um registro histórico, documental, dos acontecimentos enfrentados por nós e pelos comunicadores, refletindo um testemunho e um recorte do momento, despertado por vivências compartilhadas, contribuindo assim para a produção e difusão de conhecimento sobre as temáticas abordadas.

Para realizar este trabalho, os conhecimentos adquiridos ao longo de todo o curso foram estruturais. Destaco, entretanto, as disciplinas laboratoriais de Produção Audiovisual e Telejornalismo, que contribuíram para a feitura deste documentário, sobretudo fornecendo os parâmetros técnicos básicos para a execução do produto, possibilitando aperfeiçoar a ideia inicial em um roteiro pensado e estruturado para a linguagem audiovisual.

Apesar de ter mais facilidade em trabalhar em equipe, a produção individual do documentário foi fundamental para desafiar minhas limitações e me ajudar a crescer enquanto diretor, Jornalista e em todo o aspecto profissional. Com a execução do projeto, meu apreço pelo gênero segue mais forte do que nunca. Sem dúvidas, me sinto mais preparado para o mercado de trabalho e pronto para desenvolver novos projetos.

Assim, a realização deste estudo revelou-se crucial para uma compreensão aprofundada do tema em questão, mas, como qualquer pesquisa, não esteve isenta de limitações. Uma das principais limitações foi a restrição geográfica e temporal da coleta de dados. A pesquisa foi conduzida em

um período específico e em um local delimitado, o que pode não representar a totalidade das variáveis e dinâmicas envolvidas em contextos diferentes. Além disso, a amostra limitada pode ter influenciado a generalização dos resultados, uma vez que um maior número de participantes poderia fornecer uma visão mais abrangente e diversa.

Outra limitação significativa foi a dependência de métodos qualitativos, como entrevistas e observações, que, embora ricos em detalhes, são suscetíveis a vieses subjetivos tanto dos participantes quanto dos investigadores. A interpretação dos dados qualitativos pode variar, e a presença do pesquisador pode influenciar o comportamento dos sujeitos estudados. A integração de métodos quantitativos poderia complementar a pesquisa, oferecendo uma triangulação de dados que reforçaria a validade dos achados.

A tecnologia e os recursos limitados também representaram desafios. A falta de acesso a ferramentas avançadas de análise de dados e softwares especializados pode ter restringido a profundidade das análises realizadas. Além disso, a logística de deslocamento e o tempo disponível para a realização do estudo de campo também influenciaram o escopo da pesquisa.

Para futuras investigações, recomenda-se a ampliação do escopo geográfico e temporal da pesquisa. Realizar estudos em diferentes locais e em períodos distintos pode fornecer uma visão mais robusta e abrangente, permitindo a identificação de padrões e variações que não foram observados no presente estudo. A utilização de amostras maiores e mais diversas também é crucial para melhorar a generalização dos resultados.

Além disso, recomenda-se a adoção de uma abordagem metodológica mista, combinando métodos qualitativos e quantitativos. A integração de questionários estruturados, análise estatística de dados e entrevistas aprofundadas pode oferecer uma compreensão mais equilibrada e objetiva dos fenômenos estudados. A triangulação de dados contribuirá para a validação dos resultados, reduzindo os vieses inerentes a métodos isolados.

Investir em tecnologias avançadas de coleta e análise de dados também é essencial. Utilizar softwares especializados para análise qualitativa e quantitativa, bem como ferramentas de visualização de dados, pode enriquecer a qualidade da pesquisa e facilitar a interpretação dos resultados.

Por fim, é importante fomentar a colaboração interdisciplinar. Envolver especialistas de diferentes áreas pode trazer novas perspectivas e insights, contribuindo para uma análise mais holística e integrada. A colaboração com comunidades locais e stakeholders relevantes também

pode aumentar a relevância e o impacto das pesquisas futuras, promovendo um maior engajamento e aplicabilidade dos resultados obtidos. Acredito ter cumprido os objetivos propostos e desejo, com este TCC, contribuir com novos olhares e perspectivas para o trabalho dos profissionais da comunicação, que enfrentam, além das dificuldades propostas, desafios constantes em suas rotinas.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, F.G. **A importância da lei 13.979/20, a lei Nacional da Quarentena, no combate à proliferação do coronavírus.** 2020. Disponível em: <<https://migalhas.uol.com.br/depeso/322180/a-importancia-da-lei-13-979-20--a-lei-nacional-da-quarentena--no-combate-a-proliferacao-do-coronavirus>>. Acesso em: 04 de nov. 2020.

ALEXANDRE, A. et al. Metodologia científica. **Princípios e Fundamentos (3a ed.). São Paulo: Blucher. E-Book**, 2021.

ALVES, M.A.S.; MACIEL, Emanuella Ribeiro Halfeld. O fenômeno das fake news: definição, combate e contexto. **Internet & sociedade**, 2020.

AMADO, A. **Publicada portaria que regulamenta medidas para enfrentar o COVID-19.** Agência Brasil, 2020. Disponível em: < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-03/publicada-portaria-que-regulamenta-medidas-para-enfrentar-o-covid-19>>. Acesso em: 04 de nov. 2020.

ANDRADE, L. et al. A utilização das redes sociais digitais no cuidado psicossocial infantojuvenil, diante da pandemia por Covid-19. **Health Residencies Journal**, 2020.

BOSELLI, A.,; SANTOS, R. Lei nacional prevê adoção de isolamento e quarentena, mas medidas são polêmicas. **Consultor Jurídico**. 2020. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2020-mar-11/lei-nacional-preve-adocao-isolamento-quarentena>>. Acesso em: 04 de nov. 2020.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.]

BRASIL. Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Disponível em: Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (fenaj.org.br). Acesso em 1 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Covid-19 no Brasil**. 2020. Disponível em: <https://susanalitico.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html>. Acesso em: 1 ago. 2024.

BRASIL. **Medida Provisória Nº 936, De 1º De Abril De 2020**. Institui o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda e dispõe sobre medidas trabalhistas complementares para enfrentamento do estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020, e da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (**covid-19**), de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, e dá outras providências Disponível em: MPV 936 (planalto.gov.br). Acesso em 1 ago. 2024.

BRASIL. **Lei Nº 13.979, De 6 De Fevereiro De 2020**. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. Disponível em: L13979 (planalto.gov.br). Acesso em 29 jul. 2024.

BRASIL. **Portaria Nº 356, De 11 De Março De 2020**. Dispõe sobre a regulamentação e

operacionalização do disposto na Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, que estabelece as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (COVID-19). Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Portaria/PRT/Portaria%20n%C2%BA%20356-20-MS.htm#:~:text=PORTARIA%20N%C2%BA%20356%2C%20DE%2011,coronav%C3%ADrus%20\(COVID-19\).](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Portaria/PRT/Portaria%20n%C2%BA%20356-20-MS.htm#:~:text=PORTARIA%20N%C2%BA%20356%2C%20DE%2011,coronav%C3%ADrus%20(COVID-19).) Acesso em 28 jul. 2024.

BRASIL. **Portaria nº 5 de 17 de março de 2020.** Dispõe sobre a compulsoriedade das medidas de enfrentamento da emergência de saúde pública previstas na Lei nº 13.979, de 06 de fevereiro de 2020. Disponível em: Base Legislação da Presidência da República - Portaria nº 5 de 17 de março de 2020 (presidencia.gov.br). Acesso em 28 jul. 2024.

BRASIL. **Portaria Nº 188, De 3 De Fevereiro De 2020.** Declara Emergência em Saúde Pública de importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV). Disponível em: Portaria-188-20-ms (planalto.gov.br). Acesso em 21 jul. 2024.

BRASIL. Pesquisa Brasileira de Mídia – 2016. Relatório final. BRASILIA – DF 29/08/2016. Disponível em: [pesquisa-brasileira-de-midia-2016.pdf](#) (abap.com.br). Acesso em 1 ago. 2024.

CAMPONEZ, C. et al. Estudo sobre os Efeitos do Estado de Emergência no Jornalismo no Contexto da Pandemia COVID-19. Relatório. 2020.

CEZAR, L.S. et al. Infodemia no contexto da pandemia de COVID-19 no Brasil: uma política de contaminação?. **Liinc em Revista**, v. 17, n. 1, p. e5703-e5703, 2021.

COLLUCI, C. **Brasil pode ter 4.000 pessoas com coronavírus em 15 dias após o 50º caso.** Folha de São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/brasil-pode-ter-4000-doentes-em-15-dias-apos-o-50o-caso-de-coronavirus.shtml>>. Acesso em: 4 de nov. de 2020.

CUNHA, D.J. **Curso de Direito Constitucional.** 6ª ed. Salvador: JusPODVIM, 2012.

CHARRON, J.; BONVILLE, J. **Natureza e transformação do jornalismo.** Digitaliza Conteúdo, 2023.

CHRISTOFOLETTI, Rogerio. Ética no Jornalismo, Contexto, 2008, p.27,28.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ). Covid. 2020. Disponível em: Em dois anos, 314 jornalistas mortos pela Covid-19 - FENAJ. Acesso em 1 ago. 2024.

GENESINI, S. A pós-verdade é uma notícia falsa. Revista USP, (116), pp 45-58. 2018.

GOMES, W.; DOURADO, T. Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. Estudos em Mídia e Jornalismo, 16(2). 2019.

- LENZA, P. **Direito Constitucional Esquematizado**. 23^a ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2019.
- LEAL, S. A qualidade de vida no trabalho e pandemia por COVID-19: Explorando possíveis consequências. **Revista da UI_IPSantarém**, v. 9, p. 48-59, 2021.
- LOPES, F. et al. Covid-19: Quando o jornalismo se assume como uma frente de combate à pandemia. 2020.
- LOPES, F. et al. A Visibilidade das Fontes Especializadas no Jornalismo: O Exemplo da COVID-19. **Comunicação e sociedade**, n. 43, p. e023011, 2023.
- MAGALHÃES, C.V.C. de; et al. Redes Sociais: Um novo ambiente para aquisição de conhecimento. In: IX Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão – JEPEX, Recife, 2010.
- MASCARO, A.L. **Crise e pandemia**. Boitempo Editorial, 2020.
- MATOS, R.C. Fake news frente a pandemia de COVID-19. **Vigilância sanitária em debate: sociedade, ciência & tecnologia**, v. 8, n. 3, p. 78-85, 2020.
- MORAES, G.F.Q.; GALDINO, M.A.O.; TEIXEIRA, A.P.C. Impacto da meningite entre os anos de 2010 e 2020 no Brasil: um estudo documental. **Rev. Ciênc. Méd. Biol.(Impr.)**, p. 505-513, 2022.
- MORAES, A. **Direito Constitucional**. 33^a ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- PAULINO, R. RODRIGUEZ, C. **Jornalismo, sociedade e pandemia**. (Orgs.). - 1a edição - Aveiro: Ria Editorial, 2020.
- PUCCINI, S. Introdução ao roteiro de documentário. *Revista Digital de Cinema Documentário*, n.06, 2009. p. 173-190.
- PUCCINI, S. Roteiro para documentário: da pré-produção à pós-produção. 3. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2009.
- RECUERO, R.; SOARES, F.B.; GRUZD, A. Hyperpartisanship, disinformation and political conversations on Twitter: The Brazilian presidential election of 2018. In: **Proceedings of the international AAAI conference on Web and social media**. 2020. p. 569-578.
- Reuters Institute Digital News Report. Covid. 2019, Disponível em: Reuters News Agency | The International News Agency & Multimedia News Provider (reutersagency.com). Acesso em 1 ago. 2024.
- RIBEIRO, A.P. et al. Saúde e segurança de profissionais de saúde no atendimento a pacientes no contexto da pandemia de Covid-19: revisão de literatura. **Revista brasileira de saúde ocupacional**, v. 45, p. e25, 2020.

RODRIGUES, B.B. et al. Aprendendo com o imprevisível: saúde mental dos universitários e educação médica na pandemia de Covid-19. **Revista brasileira de educação médica**, v. 44, n. Suppl 01, p. e149, 2020.

SILVA, J.A. **Curso de direito constitucional positivo**. 39ª ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2016.

SUING, A. et al. **Jornalismo, sociedade e pandemia**. Ria Editorial, 2020.

TABAI, B.J.; SANTOS, T.B.; COQUEIRO, J.M. Quando não é possível deixar de informar: o processo de trabalho de jornalistas durante a pandemia da Covid-19. **Saúde em Debate**, v. 46, p. 93-104, 2022.

TITO, B.; FERREIRA, R.A.M. Liberdade de imprensa em momentos de crise: o direito à informação diante da pandemia do novo Coronavírus (COVID-19). **Revista Vianna Sapiens**, v. 12, n. 2, p. 31-31, 2021.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2. ed., 2005.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis. Ed. Insular.2008

TRAQUINA, N. **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Editora Insular, 2021.

APÊNDICE 1- ROTEIRO DA ENTREVISTA

1. Como foi a noticia da pandemia ?
2. Como enfrentaram a noticia dos primeiros casos no estado?
3. Como o jornalismo agiu nesse momento?
4. Houve comunicadores contaminados no seu meio de trabalho e na sua familia?
5. Como a noticia na TV nacional chegou para a equipe e quais os passos pensaram em fazer?
6. Como foi saber da rapidez do contagio? E do isolamento?
7. Quais os cuidados que tiveram ao levar a informação e ao mesmo tempo esta nas ruas?
8. A midia teve o devido cuidado com os jornalistas?